

HISTÓRIA, EXPRESSIVIDADE E ENSINO – LIVROS DIDÁTICOS

Michelle Teixeira
Licenciatura em História
Orientador: Prof^o. Dr^o. Nilton Mullet Pereira
Contato: michelleteixeira.edu@gmail.com

Introdução

Este trabalho integra o projeto de pesquisa “História, Expressividade e Ensino”, que busca identificar diferentes recursos expressivos e modos narrativos na exposição dos conteúdos e conceitos históricos. Entendendo que há diferença entre a História ensinada nas salas de aula e a História pesquisada no meio acadêmico, (em que a primeira permite-nos criar/recriar narrativas sobre o passado), analisamos formas de expressão apresentadas em livros didáticos bem avaliados no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2012.

Objetivos

Pretende-se problematizar a expressividade nos modos de contar o passado na Escola Básica, utilizando-se especialmente da análise de livros didáticos para destacar as formas expressivas neles presentes, tendo como foco a temática de Idade Média Ocidental.

Em suma, essa pesquisa apresenta preocupação central com o estilo e a expressividade, buscando sinalizar recursos estilísticos e recursos expressivos presentes na narrativa dos livros, na ideia de que a aprendizagem da história pode bem se tornar um exercício de criatividade e imaginação.

Referencial

O interesse por essa temática surgiu a partir da compreensão de que ensinar história é criar narrativas sobre o passado. Desse modo, supõe-se que os textos, as imagens, os exercícios, as charges e demais recursos expressivos constantes nos livros didáticos demonstram um estilo, que é um modo singular de apresentar conteúdos e conceitos históricos.

Esse estudo se aproxima da perspectiva da filosofia da diferença, sobretudo de autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault.

Método

Foram analisados alguns dos livros bem avaliados através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2012 na disciplina de História, buscando encontrar neles diferentes recursos expressivos dos quais se valem na distribuição dos conteúdos, tais como: comparações, metáforas, diálogo com imagens, perguntas, desafios, utilização de diversos tipos de questões, apresentação de mapas, análise de documentos primários, filmes e charges, dentre outros.

Referências

FOUCAULT, Michel. **O Pensamento do Exterior**. São Paulo: Princípio, 1990.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araújo – Ensino de História – saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.36,n.1,p.191-211, jan./abr., 2011.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando – O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula; **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, dez., 2008.

Resultado

Percebe-se que a avaliação feita pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) têm qualificado o nível dos materiais. Observa-se que não expõem apenas textos, mas se utilizam de recursos como imagens, anedotas, jogos, metáforas e analogias.

Em termos de resultados, além do mapeamento dos recursos expressivos ao alcance do ensino de História, propõe-se considerar que a aprendizagem em História seja um processo fabulatório que permita, através da narrativa professoral ou expressa nos livros didáticos, a criação dos conceitos históricos por parte dos alunos.

Considerações Finais

Percebeu-se que, onde se supunha apenas mera transmissão de conhecimentos há também espaço para criação. Não há dúvidas de que os livros didáticos possuem papel importante no cotidiano escolar.

Notou-se, ainda, a necessidade de ampliar a discussão sobre sua utilização em sala de aula e sobre as atividades por eles propostas.



Inicialmente, o elmo de metal em forma de cone não protegia a face. A partir do século XIII, ganhou uma proteção nasal que podia ser abaixada e levantada.

A lança era de ferro com lâmina triangular. Até o século X media cerca de 2,5 metros. Com o tempo, chegou a medir até 4 metros.

A espada de ferro era longa, larga e com duplo gume. Era empunhada quando a lança se partia ou nos combates corpo a corpo.

O escudo de metal, de formato triangular, era usado como proteção.

De origem oriental, o estribo popularizou-se na Europa a partir do século VIII.

Para maior equilíbrio durante o galope, o cavaleiro usava uma sela funda, solidamente presa ao cavalo.

Fontes: REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e poder na sociedade feudal*. São Paulo: Ática, 2002; LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Florianópolis/São Paulo: Edusc/Imprensa Oficial do Estado, 2002. v. 1; VISSIÈRE, Laurent. O poder no fio da espada. *Revista História Viva*, n. 34, p. 51-5.

Cavaleiro medieval representado em manuscrito do século XIV armado com espada, lança e um escudo triangular. Na Idade Média, a coragem física e o devotamento aos companheiros de armas estavam entre as virtudes mais valorizadas num cavaleiro.